

MADAME LAVOISIER
Algumas coisas deveriam permanecer em sigilo... Mesmo numa sauna.

PRIESTLEY
Uma opinião... ou um julgamento?

MADAME LAVOISIER
Apenas um comentário. Não vem ao caso. *(Pausa.)* O senhor parece irritado, Monsieur... espero não ser eu a causa.

PRIESTLEY
Há três anos...

MADAME LAVOISIER
O senhor jantava à nossa mesa... satisfeito e participativo.

PRIESTLEY
A senhora traduziu...

MADAME LAVOISIER
Fiz o possível... e o senhor parecia grato.

PRIESTLEY
Na época eu estava.

MADAME LAVOISIER
E agora não mais?

PRIESTLEY
Não tenho certeza se a senhora transmitiu tudo...

MADAME LAVOISIER
Talvez meus conhecimentos de inglês deixem a desejar...

PRIESTLEY
O inglês de Madame é excelente.

MADAME LAVOISIER
Um julgamento ou um elogio?

PRIESTLEY
A senhora não conseguiu entusiasmar o seu esposo –

MADAME LAVOISIER
É claro, o tradutor é também um filtro, uma peneira...

PRIESTLEY
Cuja eficácia depende da malha.

MADAME LAVOISIER
De fato... e a minha é de malha fina.

PRIESTLEY
Estou falando de filtrar informações... não impurezas.

MADAME LAVOISIER
Eu também, Monsieur.

FIM DA CENA 11

CENA 12

(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências da Suécia, duas semanas mais tarde.)



ASTRID ROSENQVIST

Assim, em seu leito de morte, Scheele casou-se com a viúva do farmacêutico que o precedeu. Comovente, Sune... mas que importância tem o fato para nós?

ULF SVANHOLM

(Com irritação.) O Prêmio Nobel retroativo é concedido pelas obras... não pelas vidas privadas!

SUNE KALLSTENIUS

E se você não puder separar as duas?

BENGT HJALMARSSON

Lavoisier certamente tinha uma vida privada! Ele até teve sua cabeça cortada... e isso nada tinha a ver com sua Química. Ele era coletor de impostos... ocupação que provavelmente gozava de pouca popularidade durante a Revolução Francesa. *(Pausa.)* Mas o seu candidato Scheele e a Senhora Pohl viviam juntos?

ASTRID ROSENQVIST

(Sarcástica e com deboche.) Uma questão profunda... de nosso especialista exclusivo em assuntos da vida privada!

SUNE KALLSTENIUS

Depende do que você entende por “viver juntos”. Na maior parte do tempo eles moravam na mesma casa, que

ela administrava para Scheele. *(Pausa.)* Se compartilhavam o mesmo quarto? Dizia-se de Scheele “que ele jamais tocava num corpo sem fazer uma descoberta”.

ASTRID ROSENQVIST

(Sarcástica.) Que homem!

SUNE KALLSTENIUS

Mas esses corpos eram compostos químicos, não mulheres. Na minha opinião, Scheele foi durante toda a vida um celibatário... um monge químico.

ULLA ZORN

Muito esperto!

SUNE KALLSTENIUS

Senhorita Zorn... parece que você sabe de alguma coisa sobre esse assunto. Afinal, foi você quem mencionou o papel das esposas.

ULLA ZORN

(Rapidamente, mas em voz baixa.) Sim.

SUNE KALLSTENIUS

Sim, você tem uma informação pertinente... ou sim, eles dividiam o quarto?

ULLA ZORN

“Sim” para a primeira pergunta... “talvez” para a última. *(Levanta-se e se enrola numa manta grande e antiquada.)* Está tão frio.

(ROSENQVIST, HJALMARSSON e SVANHOLM permanecem imóveis, observando a cena que se desenrola diante deles. ULLA ZORN e SUNE KALLSTENIUS trocam de figurino no palco, e assumem seus novos papéis.)

CENA 12A

(Diminui a iluminação sobre a Comissão. Luz sobre SCHEELE e a SENHORA POHL, que atravessa o palco para a parte lateral e finge estar moendo café. Faz frio – som de vento soprando.)



SENHORA POHL

Carl Wilhelm... está na hora de você deixar o galpão e entrar. Interrompa o trabalho durante a noite.

SCHEELE

Já vou... estou num ponto crítico.

SENHORA POHL

Está muito frio aí fora. Como seria bom se você pudesse dispor de um laboratório adequado.

SCHEELE

Estou quase pronto.

SENHORA POHL

No fogão há comida quente para você. Estou quase terminando de moer o café.

SCHEELE

Demorou para dissolver o minério que Bergman me mandou. Ele pode conter um novo metal.

SENHORA POHL

Chegou uma carta do seu editor de Uppsala.

SCHEELE

Nada do livro?

SENHORA POHL

Ele faz promessas a respeito.

SCHEELE

(Exasperado.) Mas quando ele vai publicá-lo? Terminei o livro no ano passado. Durante meses ele esteve debruçado sobre o manuscrito. Estou desapontado. Outros três meses decorreram agora, e meus experimentos sobre o Ar de Fogo cobrem-se de poeira naquela maldita gráfica.

SENHORA POHL

Outros conhecem seu trabalho.

SCHEELE

Alguns poucos amigos... aqui na Suécia. O livro deverá ultrapassar, e muito, as nossas fronteiras.

SENHORA POHL

Eu ajudaria, Carl Wilhelm. Se eu não fosse tão ignorante...

SCHEELE

Você me ajuda de muitas maneiras. Mas antes de comer, preciso escrever aquela carta.

SENHORA POHL

Para quem?

SCHEELE

Para Monsieur Lavoisier, o químico francês. Ele possui poderosas lentes para provocar a combustão, Sara, do tamanho de nossa casa. Com elas, ele consegue desencadear reações químicas que ninguém mais consegue. Na carta, vou pedir-lhe que repita meus experimentos que produzem o Ar de Fogo.

SENHORA POHL

Por que pedir para **ele**?

SCHEELE

Porque meu ar é novo... E se ele repetir meu trabalho, todos tomarão conhecimento dele... e de mim.

SENHORA POHL

(Com hesitação.) Desculpe-me, Carl Wilhelm... mas é este o seu maior desejo? Que o mundo fale de você?

SCHEELE

(Surpreso.) Ninguém me perguntou isso antes. *(Reflete.)* O respeito é importante –

SENHORA POHL

Você tem o respeito dos cidadãos de Köping.

SCHEELE

Eu gostaria de ganhar dinheiro suficiente... para sustentar a você e seu filho –

SENHORA POHL

Estamos vivendo satisfatoriamente.

SCHEELE

Porque você é muito econômica.

SENHORA POHL

Nunca me queixei.

SCHEELE

Gostaria também de ganhar o suficiente para comprar uma lente mais poderosa –

SENHORA POHL

E uma estufa para aquecer o seu laboratório! Carl Wilhelm... eu receio por sua saúde.

SCHEELE

(Comovido, segura-lhe a mão, observa demoradamente a própria mão, depois a dela.) Veja! O pó de café aderindo a sua mão! Será alguma forma de magnetismo?

(Luzes esmaecem, enquanto SCHEELE e SENHORA POHL trocam de figurinos no palco, e voltam a juntar-se aos demais membros da Comissão.)

ULLA ZORN

Você viu? Ele tocou numa parte de seu corpo e fez uma descoberta. *(Pausa.)* E poderia tratar-se de um magnetismo **pessoal**.

BENGT HJALMARSSON

(Admirado.) Onde você cavou essa história?

ULLA ZORN

Scheele mencionou esse incidente numa carta a Johan Carl Wilcke, o secretário da Academia Real de Ciências da Suécia.

BONE KALLSTENIUS

Mas como você conseguiu a carta? A maioria dos estudantes de Química mal sabe quem foi Scheele.

ULLA ZORN

Talvez mais por culpa dos professores do que dos estudantes.

BENGT HJALMARSSON

Mas como você descobriu essas informações preciosas?

ASTRID ROSENQVIST

Mais tarde.

BENGT HJALMARSSON

Não, Astrid. Agora!

ULLA ZORN

Estou concluindo minha tese de doutorado em História na Universidade de Lund.

BENGT HJALMARSSON

E como você encontrou essas referências sobre moer café e a amiga... ou seja lá o que ela era.

ULLA ZORN

Seu nome era Sara Margaretha Pohl. E eu encontrei esta história da mesma maneira como o senhor a teria encontrado: pesquisando!

BENGT HJALMARSSON

(Irônico.) Estou vendo. *(Continua em tom normal.)* Nesse caso, permitam-me que eu fale de **minhas** pesquisas... Todos conhecem Lavoisier, o químico. Mas ele foi também banqueiro e economista... que fez de tudo desde desacreditar o mesmerismo até embarcar pólvora para os norte-americanos... ouçam algumas deliciosas novidades sobre Madame Lavoisier.

ULLA ZORN

Deus do céu! Nunca imaginaria que meus comentários sobre esposas provocassem tais efeitos nos membros desta Comissão.

BENGT HJALMARSSON

Não se vanglorie, senhorita Zorn. Sempre lanço longe as redes nas minhas pesquisas.

ASTRID ROSENQVIST

Principalmente quando dizem respeito a mulheres! *(Ri.)* Desculpe o comentário... Prossiga, Bengt... conte-nos o que você pescou em sua rede.

BENGT HJALMARSSON

Antes de mais nada, Madame Lavoisier não era somente sua esposa... *(Para ULLA ZORN, em tom de deboche.)* Ela era também sua assessora... claro, não em tempo integral.

ULLA ZORN

(Com frieza.) Não é um cargo muito atraente para ser exercido em tempo integral por uma mulher ambiciosa.

ASTRID ROSENQVIST

Tudo é possível para uma mulher ambiciosa...

BENGT HJALMARSSON

Ela até ajudou no laboratório... embora tivesse pouco mais de treze anos quando se casou com Lavoisier... seu primeiro marido.

ULF SVANHOLM

Primeiro marido? Quantos homens existem nessa história?

BENGT HJALMARSSON

Seu segundo marido, o conde Rumford, acho que o que ela queria mesmo era esquecê-lo... embora fosse quase tão famoso como Lavoisier. Homens? Provavelmente um bom número... mesmo para os padrões de hoje. Benjamin Franklin entusiasmou-se bastante por ela. Já Pierre Samuel Du Pont...

SUNE KALLSTENIUS

O Du Pont norte-americano? O químico milionário?

BENGT HJALMARSSON

Seu pai francês. Mas essa era uma história diferente. Uma história de amor. *(Apanha uma folha de papel enquanto caminha lentamente em direção a ASTRID.)* Quatro anos depois da morte de Lavoisier, Du Pont escreveu uma carta para ela... e depois de... cito da própria carta: "Há vinte e dois anos nos conhecemos, dezessete dos quais de modo mais íntimo". *(Pausa.)* Em outras palavras, eles foram "íntimos"... durante pelo menos treze anos, enquanto ela ainda estava casada com Lavoisier.

ASTRID ROSENQVIST

Um casal moderno...

BENGT HJALMARSSON

(Continua a ler, mas agora num tom mais afetivo, encarando ROSENQVIST como se as palavras fossem dirigidas a ela.) "Se você tivesse continuado a amar-me, eu pacientemente teria aceito esse destino...". *(Levanta os olhos da carta, curta pausa antes de olhar para ROSENQVIST.)* É Du Pont quem fala... não eu... *(Retoma a carta e continua a leitura.)* "Porque uma única noite com você junto ao fogo da lareira... teria sido uma compensação para meus olhos e meu coração... eu pertencia a você, minha jovem dama ...", a jovem dama já tinha então quarenta e um anos!

(Toca um celular. Os membros da Comissão, irritados, entreolham-se, olham também para o público, como se tivesse vindo dali o chamado no telefone.)

ULLA ZORN

(Revira nervosa sua bolsa, enquanto o celular continua a tocar, com um desagradável acompanhamento musical. Finalmente ela encontra o celular e começa a falar em voz baixa, embora audível.) Alô? *(Breve pausa.)* Para Ithaca. *(Breve pausa.)* Nova Iorque... *(Breve pausa.)* O máximo de economia! *(Breve pausa.)* Três dias somente... no máximo quatro. *(Breve pausa.)* Telefone mais tarde... não posso falar agora. *(Desliga o telefone. Olha em volta, sem o mínimo ar de culpa.)* Desculpem... eu não sabia que estava ligado.

(A luz muda. BENGT e ULF dirigem-se para um lado do palco, ASTRID e ULLA para o outro. SUNE permanece imóvel em seu lugar.)

BENGT HJALMARSSON

Essa chamada telefônica.

ULF SVANHOLM

Não faço questão alguma de usar esse apetrecho execrável.

BENGT HJALMARSSON

Outro indício de que você está ficando velho. *(Ri.)* Por que será que ela vai para Ithaca?

ULF SVANHOLM

Provavelmente um namorado... na Universidade Cornell.

BENGT HJALMARSSON

Duvido.

(Iluminação muda.)

ULLA ZORN

(Para ASTRID.) Você não está zangada, está?

ASTRID ROSENQVIST

Achei divertido. Mas você se expõe demais.

ULLA ZORN

Bengt Hjalmarsson me irrita.

ASTRID ROSENQVIST

Bengt é um homem complicado.

ULLA ZORN

Suponho que se trata de um elogio.

ASTRID ROSENQVIST

No presente caso simplesmente uma observação empírica. Pense no estímulo necessário a um teórico para dar início a um experimento.

ULLA ZORN

Então você também suja suas mãos.

(A luz diminui. Volta iluminando a Comissão enquanto ASTRID volta a falar com os homens.)

ASTRID ROSENQVIST

Ulf... o que você desenterrou sobre Priestley? Ou você dedicou seu tempo à Senhora Priestley?

ULF SVANHOLM

De modo algum! Priestley viveu na época certa no país certo: a Inglaterra... o centro do estudo da Química Pneumática no século XVIII. No caso de Priestley, o químico autodidata era na verdade um pregador. Ele publicou cinquenta trabalhos sobre Teologia, treze sobre Educação, dezoito sobre temas políticos, sociais e metafísicos.

BENGT HJALMARSSON

Um pregador como químico amador...

ULF SVANHOLM

(Levantando a mão.) ...E **cinquenta** artigos e nada menos do que **doze** livros sobre Ciência! Você não chamaria isso de amadorismo, não é?

SUNE KALLSTENIUS

Mas o que **contêm** esses livros e artigos? Precisamos ocupar-nos com o conteúdo... com a qualidade... não com a diarreia autoral.

ULF SVANHOLM

Ora, ora! Só porque Scheele escreveu apenas um livro... só porque o seu candidato sofria de constipação...

ASTRID ROSENQVIST

(Em tom de advertência.) Basta! O que há com relação a Química?

BENGT HJALMARSSON

Priestley sabia o que estava fazendo?

ULF SVANHOLM

Ele submeteu o ar a toda a sorte de transformações químicas...

BENGT HJALMARSSON

De uma maneira totalmente aleatória.

ULF SVANHOLM

(Visivelmente irritado.) Ele aprendeu passo a passo, à medida que experimentava. Quando Lavoisier preparou seu “ar vital”, utilizou o método de Priestley, não é verdade? São os resultados que importam, e – contrariamente a Scheele – Priestley era suficientemente ambicioso para divulgar o que descobriu.

SUNE KALLSTENIUS

Pode ser que a ambição tenha turvado sua capacidade de entendimento.

ULF SVANHOLM

O que há de errado com a ambição? Encare a ambição como a falha num tapete persa que o torna valioso.

SUNE KALLSTENIUS

Quer dizer que um tapete sem defeitos pode não ser tão valioso... ou até mais valioso?

ULF SVANHOLM

Já estou arrependido de ter mencionado a ambição... ou os tapetes. Deixemos de lado os dois! De qualquer forma... Priestley gostava de falar de seu trabalho... provavelmente até com sua mulher. *(Em tom irônico.)* Ou isso a deixa surpresa, senhorita Zorn?

ULLA ZORN

Por que deveria? A Senhora Priestley era instruída... ela escrevia belas cartas...

(Diminui a luz sobre a Comissão.)

(HJALMARSSON, ZORN e KALLSTENIUS permanecem quase imóveis, enquanto ASTRID ROSENQVIST e ULF SVANHOLM trocam de figurinos no palco, atravessam-no e se dirigem para a parte anterior do mesmo.)

CENA 12B

(Luz sobre PRIESTLEY e SENHORA PRIESTLEY.)



SENHORA PRIESTLEY

E o que você fez em Paris?

PRIESTLEY

Visitei Versalhes com Lorde Shelburne.

SENHORA PRIESTLEY

(Afetuosamente.) E jantou muito bem, com certeza.

PRIESTLEY

De fato... inclusive numa noite, à mesa de Monsieur e Madame Lavoisier. A maioria dos filósofos naturalistas da cidade estavam presentes. Falei-lhes de meu novo ar, no qual uma vela queima muito melhor do que no ar comum.

SENHORA PRIESTLEY

Teria sido bom se você pudesse ter me levado, Joseph.

PRIESTLEY

E eu teria apreciado muito se você tivesse estado lá. Foi bastante difícil, Mary.

SENHORA PRIESTLEY

Não acreditaram em você?

PRIESTLEY

Quem sabe? Eu só me recordava das palavras francesas do cotidiano – não conhecia os termos científicos.

SENHORA PRIESTLEY

Eu teria traduzido para você.

PRIESTLEY

Eu sei. Você é uma mulher esperta, Mary... Mas quem teria cuidado das crianças? Seja como for... Madame Lavoisier perguntou-me como obtive o novo ar.

SENHORA PRIESTLEY

(Preocupada.) E você contou para ela?

PRIESTLEY

Claro. Madame Lavoisier entendeu tudo, e explicou-o a seu marido.

SENHORA PRIESTLEY

Eu sei, ela o ajuda no laboratório.

PRIESTLEY

Ajuda, sim. Depois do jantar, ela mostrou desenhos de seus equipamentos químicos...

SENHORA PRIESTLEY

Eu a invejo.

PRIESTLEY

Equipamentos muito melhores do que os meus... o que, espero, convencerá Lorde Shelburne a pegar mais fundo em seu bolso. Mas os desenhos eram muito bons...

SENHORA PRIESTLEY

Eu também já tinha aprendido a desenhar.

PRIESTLEY

Você me ajuda de muitas outras formas... você cuida da casa e da família...

SENHORA PRIESTLEY

E do dinheiro. Mas fico preocupada com nossos recursos. Você depende do patrocínio de Lorde Shelburne, que pode ser suspenso sem prévio aviso. *(Ela faz uma pausa, apontando para um jornal.)* Joseph... você ouviu o que Edmund Burke diz de você? "O gás silvestre, que surge logo que o ar fixo é solto."

PRIESTLEY

(Rindo.) Pelo menos ele entendeu corretamente um dos meus ares!

SENHORA PRIESTLEY

Eu gostaria que você fosse mais cauteloso. A política é perigosa para você. Há muita gente em Birmingham que atacaria você pelo que você diz sobre a liberdade e sobre Deus.

PRIESTLEY

As mudanças virão... libertando todos os poderes do

Homem das correntes que até agora o mantêm preso. Por que ter medo? E de quem? Desses bajuladores de reis?

SENHORA PRIESTLEY

Eu conheço a sua pregação, Joseph. E a respeito de seu laboratório... de seu trabalho ... de nossos filhos? O povo nos hostiliza.

PRIESTLEY

Que falem à vontade!

(Luz muda enquanto PRIESTLEY e a SENHORA PRIESTLEY trocam de figurinos no palco, e voltam a juntar-se aos demais membros da Comissão.)

ULF SVANHOLM

Não é irônico? Priestley – um químico conservador... basta pensar na sua interminável defesa do flogístico – era um revolucionário político e religioso tão temido que o populacho queimou sua casa em Birmingham. *(Pausa.)* Três anos mais tarde refugiou-se na América... com a ajuda de Benjamin Franklin.

BENGT HJALMARSSON

Enquanto que Lavoisier, revolucionário na Química, era conservador em assuntos políticos.

ASTRID ROSENQVIST

Podemos finalmente voltar à carta de Scheele? Lavoisier a recebeu? Ele a leu?

BENGT HJALMARSSON

Da parte de Lavoisier nenhum indício – nada de cartas, nem comentários, absolutamente nada que mostre se ele alguma vez recebeu uma comunicação escrita de Scheele. No entanto, a resposta é... *(Pausa.)* ...sim, ele a recebeu.

ASTRID ROSENQVIST

"Sim" para as duas questões?

BENGT HJALMARSSON

Para as duas.

ULLA ZORN

E a prova?

BENGT HJALMARSSON

O achado de Grimauux.

ULLA ZORN

(Mostrando-se divertida.) Por Deus! Estamos diante de um leopardo mudando suas pintas?

BENGT HJALMARSSON

Você teria a bondade de explicar melhor esse provérbio zoológico?

ULLA ZORN

Talvez eu devesse ter escolhido uma metáfora química: mercúrio convertendo-se em ouro, ou no presente caso o contrário. Afinal, Grimaux foi um químico francês que se tornou historiador. Não pensei que algum dos senhores se interessasse por tais vira-casacas.

BENGT HJALMARSSON

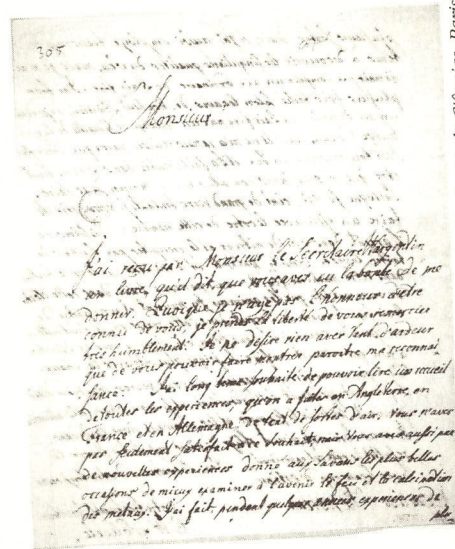
Como ele encontrou em 1890 a carta de Scheele, resolveu fazer uma exceção. Afinal... a carta existiu... perdida entre os papéis de Lavoisier por mais de cem anos.

ASTRID ROSENQVIST

E você viu a carta?

BENGT HJALMARSSON

(Começa a revirar a sua valise.) Sim, eu a vi. Está agora nos arquivos da Academia de Ciências da França. *(Com ar triunfante.)* E como prova eu trouxe alguns slides. Ouçam só: *(Projeta um slide e caminha até a tela, para apontar para as passagens relevantes. Lê rapidamente em francês.)* "Je ne desire rien avec tant d'ardeur que de vous pouvoir faire montrer ma reconnaissance."



Arquivo da Academia de Ciências, Paris

SUNE KALLSTENIUS

Pare de se pavonear e traduza!

BENGT HJALMARSSON

"Não há nada que eu deseje tão ardentemente do que poder mostrar-lhe minha descoberta."

SUNE KALLSTENIUS

(Com riso disfarçado.) Vejam só! Você está aderindo ao partido de Scheele!

ULLA ZORN

Professor Hjalmarsson... espero que o senhor não leve a mal uma pequena correção.

BENGT HJALMARSSON

Que correção?

ULLA ZORN

Reconnaissance significa "gratidão" e não "descoberta". Scheele apenas está agradecendo a Lavoisier por um livro que este lhe tinha enviado.

BENGT HJALMARSSON

(Ligeiramente irritado, mas recompondo-se rapidamente.) Mas é claro! Que burrice a minha! Muito obrigado, senhorita Zorn. Mas voltemos à carta. Aqui está o segundo slide. E observe *(Tom sarcástico.)* **mademoiselle** Zorn, aqui ele realmente descreve a sua experiência. *(Projeta o segundo slide.)*

SUNE KALLSTENIUS

(Levanta-se de um salto, caminha para a tela, e aponta para as últimas linhas.) Observem a data, 30 de setembro de 1774. E a assinatura de Scheele.

ULLA ZORN

(Imita o tom sarcástico de Hjalmarsson.) Mas **monsieur** Hjalmarsson, isso não prova que Lavoisier realmente leu a carta. *(Todos olham para ela, perplexos.)*

plusieurs fortes d'air; & j'ai aussi employé beaucoup de
 temps à découvrir les singuliers qualités du feu, mais je n'ai
 jamais pu composer un air ordinaire de l'air fixe: J'ai bien
 plusieurs fois hecho, selon les avis de Monsieur Priestley, de presser
 un air ordinaire de l'air fixe par un mélange de limaille de fer, de
 buffe & d'eau, mais il ne m'a jamais réussi, parce que l'air fixe
 n'est toujours uni au fer et la fait soluble dans l'eau. Ce n'est
 être que vous ne sachiez non plus aucun moyen de le faire.
 Lorsque je n'ai point de grand verre brutant, je vous prie de
 faire un effai avec le votre de cette manière: Dissolvez de
 l'acide dans l'acide nitreux et le précipitez par l'alkali de
 tartre, laissez précipiter, filtrez le, et le redistillez par le vase brutant
 dans votre machine fig. 8, mais parce que l'air dans cette cloche
 de verre est tel, que les quinquans se meuvent et une partie de
 l'air fixe s'échappe de l'acide dans cette opération, il faut mettre
 un peu de chaux vive dans l'eau, où l'on a mis la cloche,
 à fin que cette eau s'empare plus vite avec la chaux.
 C'est par ce moyen que j'ai vu, que vous verrez, combien d'air
 se produit pendant cette réduction, et si une chandelle allumée
 pourrait s'en tenir, le feu et les animaux vivres la de dur.
 Je vous serois extrêmement obligé si vous m'indiquiez le
 résultat de cette expérience. Les honneurs d'être toujours
 avec beaucoup d'estime
 votre humble serviteur
 Lavoisier
 A Paris le 30 Mars 1774.
 E. W. Scheele.

Arquivo da Academia de Ciências, Paris

FIM DA CENA 12

CENA 13

(1777. Um teatro, com pano de boca. Sentados, de costas para o público, o DOUTOR e a SENHORA PRIESTLEY, SCHEELE, e a SENHORA POHL. Sugere-se de alguma forma a presença do camarote real, ocupado. Entram em cena os LAVOISIER.)



LAVOISIER E MADAME LAVOISIER

(Respeitosa reverência.) Vossas Majestades!

LAVOISIER

Doutor e Senhora Priestley!

MADAME LAVOISIER

Farmacêutico Scheele, Senhora Pohl...

LAVOISIER

Bem-vindos!

MADAME LAVOISIER

Majestade, sabendo de vosso amor pelo palco e pela ópera...

LAVOISIER

Neste magnífico Teatro da vossa corte em Drottningholm...

MADAME LAVOISIER

Na tradição da corte de nosso rei Luís XVI...

LAVOISIER

Apresentaremos um pequeno entretenimento, com um espetáculo de máscaras, representando...

MADAME LAVOISIER
A vitória do Ar Vital...
LAVOISIER
Sobre o Flogístico!

(Ouve-se música solene. Os LAVOISIER, depois de colocarem cada um uma máscara, ensaiam passos de uma dança, e em seguida MADAME LAVOISIER dirige-se ao cravo e começa a tocar. LAVOISIER inicia a representação, em tom declamatório. A música vai enfraquecendo quando do início da representação propriamente.)

LAVOISIER
(Representando o Flogístico.)

(Sugere-se um tom de comédia durante a representação, em recitativo.)

*Eu sou da Química o Fogo Vital,
Elemento que libera os outros, cada qual.
Os filósofos gregos não sabiam o que pensar
Sobre como eu atuo sobre terra, água e ar.
Sem mim, o Flogístico, o mundo seria
Rudimentar e pouca luz teria.
Este é meu dom, os elementos combinar,
Transformá-los em tudo que se pode achar.*

(Os casais PRIESTLEY e SCHEELE desaprovam e fingem aplausos.)

MADAME LAVOISIER
*(Representando o Oxigênio.) (Com a máscara do oxigênio.)
Monsieur, a certeza de onde tirais,
De como é feito o mundo? Contai-me mais!
Vós dizeis de cada uma das terras o que fazem,
Mas mostrai-me como os elementos reagem.*

LAVOISIER
*Uma pergunta justa, Madame. Deveis primeiro o fogo
tomar,
Pois todas as coisas que queimam liberam-me para o ar.*

*Está tudo repleto de Flogístico, as gorduras, o carvão,
E já não estarei quando as coisas cinzas serão.*
MADAME LAVOISIER
Vós tendes então um fim?

LAVOISIER
*Não! Pois escutai-me cuidadosamente!
Não é somente o ar que me pode conter,
Há outros modos em que posso aparecer:
No ferro que enferruja já não mais estou presente!*

MADAME LAVOISIER
São infinitos vossos milagres! Contai-me mais!

LAVOISIER
*Sou eu que obtenho do minério o metal,
Nessa surpreendente extração meu papel é tal.
Encontrais-me no carvão, lembrai!
E do carvão o minério simplesmente me extrai!*

MADAME LAVOISIER
*Uma maravilha, senhor, mas muitas dúvidas deixais –
Que vossa teoria está de todo superada não notais!
Sabemos que dos ares o rol é variável:
Nitroso, vital, fixo e inflamável.
E a água é um composto e não um elemento,
Como meu esposo demonstrará em um momento.*

(Nesse momento PRIESTLEY fica bastante agitado.)

LAVOISIER
Uma revelação! Aguardo ansioso!

MADAME LAVOISIER
*Que o Flogístico é a chave para o Fogo, vós apregoais,
E para a ferrugem, mas por que o Ar Vital não
considerais?*

*Não poderia levar à ferrugem, e as chamas nutrir,
Combinado com o carvão, e com o ferro a fundir?
Dizeis que os metais precisam de vós, mas por qual
razão?*

*Pois se o oxigênio do minério é retirado com carvão?
Outro ponto que, receio, pode não ser certo
É vossa idéia da ferrugem. Sabeis decerto
Que o metal aumenta de peso ao assim se tratar
Mas insistis que nada de novo tem lugar!*

LAVOISIER

(Embaraçado.)

*Minha cara ! (Pausa.)... Flogístico pode ser tão leve
Que chega a não ter peso. Razão não poderei ter?*

(Tenta dançar com um grande balão, procurando elevar-se do chão.)

MADAME LAVOISIER

*Que bobagem dizeis, senhor, com tal assertiva!
Não existe isso – massa negativa!
Uma Revolução na Química aconteceu
No instante em que o Oxigênio nasceu.
O Flogístico é uma noção do passado,
Errado, posto de lado como fato superado!*

(O casal PRIESTLEY, SCHEELE e a SENHORA POHL tornam-se mais agitados a partir deste momento da encenação.)

MADAME LAVOISIER

(Prosseguindo.)

*Na transformação química isto será sempre de valia:
Nada se perde, nada se cria.
Nessa nova Química nos regozijemos;
Aos nossos soberanos protetores agradecemos,
Aos nossos Luís, Jorge, e Gustavo, o rei galante,
Em cujo esplendor nos reunimos nesse instante
Sepultando o Flogístico inútil. Juntai-vos celebrando
O Ar Vital, que do confronto saiu triunfando!*

(O Flogístico e o Ar Vital lutam ao som da música final. MADAME LAVOISIER fura o balão com uma agulha, o balão explode. O Flogístico cai ao chão. O casal PRIESTLEY, SCHEELE e a SENHORA POHL derrubam suas cadeiras e saem apressadamente do palco.)

(LAVOISIER e MADAME LAVOISIER tiram suas máscaras e as jogam ao chão.)

LAVOISIER

Eles não se divertiram! Talvez tenhamos ido longe demais.

MADAME LAVOISIER

Plantamos uma semente... a dúvida deles crescerá.

LAVOISIER

É o que me preocupa.

FIM DA CENA 13

FIM DO PRIMEIRO ATO

BRUNO CAFFI

SEGUNDO ATO

BRUNNEN

CENA 14

(Estocolmo 1777. O cenário sugere um ambiente no Palácio. No centro do palco uma mesa para as demonstrações. À direita, um apoio para livros, e mais ao fundo, à direita, uma tela que pode ser usada para jogos de luz e sombra. Na mesa, serão realizados experimentos reais e simulados; as projeções podem ser mostradas nas telas laterais. À esquerda, no palco, três cadeiras para as senhoras.)



VOZ DO ARAUTO DA CORTE

(Uma voz forte, algo pomposa.) Majestades, estimados convidados! Em toda a Europa, a Química Pneumática está na ordem do dia. Surgiu uma controvérsia: quem, entre estes três grandes sábios, descobriu o Ar Vital que sustenta a vida? *(Pausa.)* Uma medalha de ouro... com a efígie de nosso rei Gustavo III... será cunhada em honra do verdadeiro descobridor. Mas nosso rei é conhecido também pela sua generosidade em outros campos...

PRIESTLEY

(À parte.) Enquanto ele desperdiça o dinheiro de seus súditos...

(Trompetes.)

VOZ DO ARAUTO DA CORTE

Que comece o “Julgamento de Estocolmo”! E que os três sábios sejam seus próprios juízes! Ar Vital! *(Pausa.)* Quem foi o primeiro a prepará-lo?

SCHEELE

(Calmamente, mas rapidamente, sobrepujando os outros.) Eu o preparei! E chamei-o de *eldsluft*... um adequado termo sueco para “Ar de Fogo”.

PRIESTLEY

Mas não se trata do ar do qual se retirou todo o flogístico? Do ar que inflama todas as coisas? É por isso que o chamei de “ar desflogisticado”. *(Pausa.)* Mas meu caro Scheele... onde poderíamos ter tomado conhecimento de sua descoberta?

SCHEELE

Em meu livro, que está prestes a ser publicado...

PRIESTLEY

Eu preparei esse ar aquecendo *mercurius calcinatus* em 1774, e *(Pausa, e a seguir em voz mais alta e enfaticamente, dirigindo-se a SCHEELE.)* comuniquei esta descoberta no mesmo ano!

LAVOISIER

(Sorridente.) *Mes amis!* Aquele que desentoca o coelho nem sempre o caça!

SCHEELE

Não há coelho para caçar enquanto ninguém iniciar a caça!

LAVOISIER

Cabe a nós decidir quem percebeu primeiro a verdadeira essência desse Ar Vital...

PRIESTLEY

(Sarcástico.) E o que **isto** significa ?

SCHEELE

É fundamental saber quem **preparou** esse ar primeiro...

PRIESTLEY

...pois é a descoberta que será lembrada pela posteridade, e não sua interpretação efêmera...

LAVOISIER

(Mudando de assunto.) Façamos os experimentos que julgamos fundamentais nesse assunto. Com qual experimento iniciaremos?

SCHEELE

Monsieur Lavoisier, conceda-me a honra de executar o

experimento que eu trouxe a sua atenção na minha carta, há uns três anos –

LAVOISIER

Não sei de carta alguma –

SCHEELE

(Toma a carta das mãos da Senhora Pohl.) Deixe-me lê-la para o senhor.

(Diminuição da luz, que se concentra nos dois homens. Esta é a primeira de três cenas com representação de experimentos. O palco permanece no escuro, exceto sobre a bancada e no personagem que executa o experimento, bem como naquele que o orienta.)

Dissolva a prata em ácido do salitre, e precipite-a com târtaro alcalino. Lave o precipitado, seque-o, e reduza-o com auxílio de uma lente de seu equipamento...

LAVOISIER

Mas eu não trouxe lente alguma!

SCHEELE

Peço-lhe desculpas. Com a lente em mãos, Monsieur. Quando inicialmente lhe escrevi, pensei na sua famosa e enorme lente, tão superior à que tenho na minha farmácia. Não importa. Será liberada uma mistura de dois ares. E restará uma resíduo de prata pura.

LAVOISIER

E depois?

(Luz diminui, os homens continuam, pode ser com gestos, o experimento. Luz sobre as mulheres à esquerda do palco.)

SENHORA POHL

Uma vez o farmacêutico Scheele chamou-me a seu galpão, para mostrar-me um experimento já utilizado por ele antes, em Uppsala. Ele estava borbulhando o ar de fogo recém-formado através de uma espécie de água.

MADAME LAVOISIER

Deve ter sido água de cal.

SENHORA PRIESTLEY

A água ficou turva, não ficou?

SENHORA POHL

Como a senhora sabe?

SENHORA PRIESTLEY

Eu assisti às aulas de Joseph sobre o ar fixo.

MADAME LAVOISIER

É o mesmo ar que expiramos... o ar que removemos com a passagem através da água de cal.

SENHORA POHL

Depois ele me pediu que colocasse no ar remanescente um graveto já apagado. Apenas em brasa numa das extremidades. Já estava escurecendo.

SENHORA PRIESTLEY

E o graveto inflamou-se com uma chama brilhante... e permaneceu aceso!

(A extremidade do graveto inflama-se, no experimento, no mesmo instante em que a SENHORA PRIESTLEY começa sua fala. Apaga-se a luz sobre as mulheres, voltando a focalizar os homens.)

SCHEELE

Eu realizei essa experiência em 1771, três anos antes do seu experimento, Doutor Priestley, numa farmácia em Uppsala... com equipamentos muito mais modestos do que os que agora Sua Majestade coloca à nossa disposição.

PRIESTLEY

Mas o senhor nada comunicou a respeito?

SCHEELE

Contei ao professor Bergman... eu pensei que ele iria contar a outros químicos. Eu precisava ganhar meu sustento. Queria continuar meus experimentos. Eu só dispunha de pouco tempo para escrever sobre minhas observações. *(Agita a folha.)*

PRIESTLEY

Seu experimento envolveu um sal de prata.

SCHEELE

Nos três anos seguintes eu obtive o ar por muitos procedimentos diferentes. Inclusive a partir do *mercurius calcinatus* vermelho, como também o senhor o fez.

LAVOISIER

Esse composto vermelho de mercúrio – também foi a

partir dele que nós... quero dizer, o Doutor Priestley e eu... preparamos esse ar.

PRIESTLEY

Nós? *(Pausa.)* Não trabalhamos no mesmo laboratório, Monsieur Lavoisier! Peço-lhe que diga com toda clareza quem fez o que e quando. *(Mais veemente.)* Mais do que uma vez os meus experimentos com a Química Pneumática foram citados pelo senhor –

LAVOISIER

E isso é motivo para queixas?

PRIESTLEY

Para serem depois menosprezados... e até mesmo ignorados.

LAVOISIER

E como eu teria feito isso?

PRIESTLEY

O senhor escreve. *(Com pesado sarcasmo.)* “**Nós** fizemos isso... e **nós** encontramos aquilo.” Seu majestático “nós”, senhor, faz as **minhas** contribuições desaparecerem... puf!... evaporaram! *(Pausa.)* Quando eu publico, eu digo, “**Eu** fiz... eu encontrei... **eu** observei”. Eu não me escondo atrás de um “nós”.

LAVOISIER

Basta de guerra verbal. *(Mais alto.)* E agora?

PRIESTLEY

Eu obtive esse ar primeiro... e o fiz trabalhando sozinho. E vou mostrar agora ao senhor como o fiz. Senhor Scheele, o senhor repetiria o experimento?

SCHEELE

Será uma honra fazê-lo.

(Ambos dirigem-se à mesa de demonstrações; a luz diminui.)

PRIESTLEY

Em agosto de 1774, eu expus no meu laboratório o *mercurius calcinatus*... a crosta vermelha que se forma quando o mercúrio é aquecido na presença de ar... à ação da luz, com auxílio de minha lente de aumento. À medida que o sólido vermelho é aquecido, será liberado um ar, enquanto glóbulos escuros de mercúrio condensarão nas paredes do recipiente. O “ar” poderá ser coletado borbu-

lhando-o através de água. Cuidado, Senhor Scheele, logo que o gás aparecer, recolha-o debaixo da água.

LAVOISIER

E onde está sua balança, Doutor Priestley? O “ar” liberado não deveria ter sido pesado?

PRIESTLEY

Será suficiente medir o tempo. Temos aqui duas campânulas... uma contendo ar comum... a outra o meu novo “ar desflogisticado”. Senhor Scheele, coloque agora um camundongo...

(A luz se apaga sobre os dois homens, que continuam insinuando a execução do experimento com dois frascos e dois camundongos mecânicos numa gaiola. Luz sobre as mulheres.)

SENHORA PRIESTLEY

Eu perguntei-lhe – por que camundongos?

SENHORA POHL

E por quê?

SENHORA PRIESTLEY

Ele disse: os camundongos são seres vivos como nós. Você usaria crianças inglesas?

MADAME LAVOISIER

Eles vivem em um dos componentes do ar comum.

SENHORA PRIESTLEY

Então ele colocou um camundongo sob a campânula contendo o ar comum.

(No escuro, SCHEELE faz menção que o camundongo mecânico escapa, e o segura pelo rabo.)

SENHORA POHL

Onde ele morreu depois de algum tempo.

SENHORA PRIESTLEY

Como a senhora sabe disso?

SENHORA POHL

O farmacêutico Scheele mostrou-o para mim.

MADAME LAVOISIER

É um fato bem conhecido, descrito também por outros pesquisadores.

SENHORA PRIESTLEY

E em seguida colocou outro camundongo em –

(SCHEELE finge estar colocando o segundo camundongo num frasco.)

SENHORA POHL

“Ar de Fogo”...

SENHORA PRIESTLEY

O “ar desflogisticado” do meu Joseph...

MADAME LAVOISIER

E ele sobreviveu por muito mais tempo, não é verdade? É por isso que chamamos esse novo ar de “respirável”. Ou “vital”.

SENHORA POHL

(Sorrindo.) No trato com seres vivos, Carl Wilhelm frequentemente pode ser bastante desastrado. Ele muitas vezes deixou-os cair! Mas como eu sou do campo, sei lidar com camundongos. E quando eu não conseguia pegá-los, os gatos conseguiam.

SENHORA PRIESTLEY

Odeio camundongos.

(Apagam-se as luzes sobre as mulheres. Volta a iluminação sobre os homens.)

LAVOISIER

Não há dúvida de que o método do Doutor Priestley produz ar vital. Mas –

PRIESTLEY

Mas, Monsieur?

LAVOISIER

Agora é minha vez. Posso continuar?

SCHEELE, PRIESTLEY

Certamente.

LAVOISIER

Observamos simplesmente que o camundongo sobrevive por mais tempo no “ar vital” que nós todos obtivemos. Mas ao final, este camundongo também morre, quando o “ar vital” acaba. Contudo, no meu trabalho **próprio**... eu fui muito, muito mais longe do que observar camundongos morrendo. Vossa Majestade! Cavalhei-

ros! Este ar... que eu proponho chamarmos de agora em diante *Oxigênio*.

PRIESTLEY

(Interrompendo.) Protesto, senhor! É fácil atribuir a alguma coisa um nome novo... quando não se sabe o que se tem em mãos! Limite-se aos fatos, senhor! Por que não ar desflogisticado –

LAVOISIER

Conheço esse “ar” tão bem quanto o senhor, Monsieur. “Oxi” é grego... significando azedo, ácido. E como acredito que esse ar existe em todos os ácidos, estou me limitando aos fatos...

PRIESTLEY

Fatos! Ora! O senhor está sendo azedo ou até ácido... mas o nosso “ar desflogisticado” não o é.

LAVOISIER

Permita-me por gentileza que eu continue. Esse ar está situado no cerne de toda a Química. Mostrei que quando respiramos, a maravilhosa máquina humana transforma um dado peso de *oxigênio*... em outros gases e em água.

PRIESTLEY

Mas isso é óbvio!

LAVOISIER

Não enquanto não pesarmos os materiais! E para tanto... *(Dirige-se a PRIESTLEY.)* ...**não** é suficiente medir o tempo... pois nada se ganha... e nada se perde neste mundo... seja na economia de um país, seja numa reação química... é preciso determinar o balanço químico da vida.

PRIESTLEY

(Com descaso.) Ah, fala o banqueiro ainda contando seu dinheiro...

LAVOISIER

(Ignora o comentário de PRIESTLEY.) Eu trouxe de Paris uma vestimenta de borracha que eu inventei... ela retém todos os materiais liberados pelo corpo... para mostrar que existe uma conservação da massa. *(Pausa.)* Doutor Priestley, o senhor está preparado para executar o experimento?

PRIESTLEY

Certamente, estou preparado... até mesmo para pesar os materiais em suas balanças...

LAVOISIER

Meus experimentos são complexos do ponto de vista técnico. Quem sabe o Senhor Scheele poderá ajudar?

(SCHEELE junta-se a PRIESTLEY.)

PRIESTLEY

Parece que necessitamos de um voluntário para o nosso experimento... para vestir sua moderna armadura. *(Olha em volta, procura sua mulher.)* Mary?

SENHORA PRIESTLEY

(Relutante.) Eu ajudaria, Joseph, mas eu temo por minha vida neste curioso traje francês.

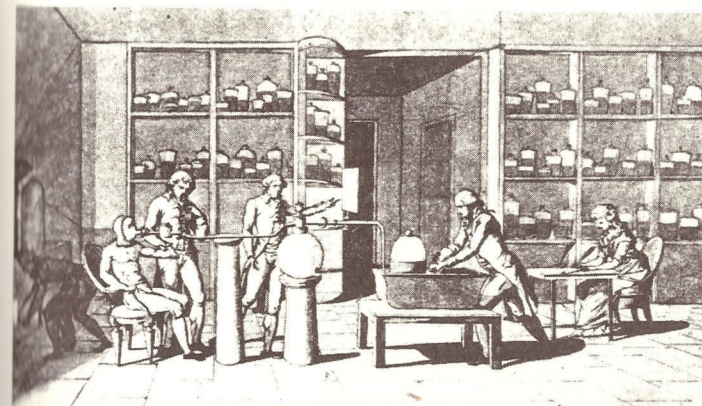
PRIESTLEY

Não tenha medo. É apenas ciência.

MADAME LAVOISIER

Eu o farei!

(MADAME LAVOISIER caminha com determinação. Ele pega a “roupa de borracha”, semelhante a uma roupa de mergulho anti-quada. SCHEELE e PRIESTLEY ajudam-na a vesti-la, atrás da tela. Pode ser mostrada a projeção na tela de um de seus desenhos sobre o experimento.)



Esboço de Madame Lavoisier: coleção particular, cortesia de Marco Beretta.

LAVOISIER

Não basta o senhor pesar minha esposa... o senhor deve pesar também esta vestimenta de borracha. As medidas podem durar várias horas.

SENHORA PRIESTLEY

(Chocada.) Pobre Madame!

LAVOISIER

Experimentos quantitativos são uma tarefa pesada.

(Apagam-se as luzes sobre os homens, permanecem sobre MADAME LAVOISIER na roupa de borracha, e sobre a SENHORA PRIESTLEY e a SENHORA POHL.)

SENHORA PRIESTLEY

Ela desenhou os experimentos de seu esposo.

(É projetado na tela um dos desenhos de MADAME LAVOISIER sobre o experimento, devendo a projeção permanecer durante o restante do diálogo.)

SENHORA POHL

Para quê? Para sua satisfação?

SENHORA PRIESTLEY

Suponho que para registrar o fato.

SENHORA POHL

Mas por que seria necessário um "registro"?

SENHORA PRIESTLEY

Para provar aos outros o que foi feito, é claro.

SENHORA POHL

E para provar **quando** foi feito o experimento, suponho.

(Diminui a iluminação sobre as mulheres.)

LAVOISIER

(Dirigindo-se a PRIESTLEY.) Peço-lhe para proceder com cuidado... pois a margem de erro deve permanecer inferior a 18 grãos em 125 libras. O que o senhor determinou?

PRIESTLEY

Que Madame Lavoisier perdeu peso. (MADAME LAVOISIER

parece exausta, mas sorri.) Mas se levarmos em conta a água e o ar fixo eliminados na respiração, observa-se de maneira geral um equilíbrio.

LAVOISIER

Agora que verificamos, cada um de nós, os experimentos dos outros, agora vemos que nada é criado –

PRIESTLEY

Exceto por Deus.

LAVOISIER

Nem destruído.

SCHEELE

Exceto pelo Homem.

MADAME LAVOISIER

Ou pela mulher. Principalmente quando ela é objeto de um experimento.

LAVOISIER

(Indo direto ao assunto e sem considerar o gracejo.) Cavaleiros! Esta importante constatação da conservação da massa *(Com ênfase.)* ...faz estourar a bolha imaginária do flogístico!

PRIESTLEY

Não na minha opinião, senhor! *(Dirigindo-se a LAVOISIER.)* O experimento que o senhor nos fez repetir com tanto esforço, com balanças, e com o sofrimento paciente de sua esposa... realmente demonstra... não posso deixar de confessá-lo... **uma** das funções de seu... *(Mostra um tom sarcástico.)* "ar respirável". *(Pausa.)* Mas, Monsieur, o senhor não nos mostrou **como** obteve esse ar.

LAVOISIER

Eu sabia que o meu ar estava presente no ar atmosférico comum. Pois não o vi reagindo com metais... com enxofre... ou com fósforo?

PRIESTLEY

Isso não nos mostra como o senhor obteve o "ar desflogisticado"...

LAVOISIER

Pare de falar em "desflogisticado", Doutor Priestley. O nome é derivado de uma teoria totalmente ultrapassada.

PRIESTLEY

Não para mim.

SCHEELE

Não para mim.

LAVOISIER

Por que não um novo nome para o ar, para dar um paradeiro em toda essa discussão? De acordo.

PRIESTLEY

Chamá-lo de (*Propositalmente exagera o sotaque francês.*) *oxygène*? E render-se à tirania de uma nomenclatura inventada pelo senhor?

LAVOISIER

(*Furioso.*) Quando a Ciência começa a exigir uma nova estrutura... quando, na verdade, torna-se necessária uma verdadeira revolução, também novos nomes passam a ser necessários.

PRIESTLEY

Mas o senhor não sabia de que gás se tratava!

LAVOISIER

Eu percebi a necessidade de existir um gás que explicasse a ferrugem, a combustão e a respiração!

PRIESTLEY

(*Em tom acalorado.*) Mas até aquele jantar em outubro, em Paris, quando eu lhe comuniquei minhas observações... o senhor não conhecia a natureza desse ar...

SCHEELE

(*Com vigor atípico para ele.*) E desde aquele dia de outubro em que o senhor recebeu minha carta, que explicava como obter o “ar de fogo”...

(*Eles discutem simultaneamente até o final da cena.*)

LAVOISIER

Eu comecei meus experimentos com o *mercurius calcinatus*...

PRIESTLEY

Só depois que o senhor ouviu falar de minha descoberta...

SCHEELE

O senhor não sabia como preparar esse ar...

VOZ DO ARAUTO DA CORTE

(*Som de passos, de marcha.*) Ordem! Ordem! Cavalheiros!... Sua Majestade está irritado. (*Pausa.*) O desagrado do rei é o único veredicto que os senhores receberão hoje!

FIM DA CENA 14

CENA 15

(*Estocolmo 2001. Um pequeno bar na Academia Sueca. ASTRID encontra-se numa mesa à esquerda, com ULLA. ASTRID se afasta em direção ao reservado.*)



BENGT HJALMARSSON

(*Caminha em direção a ULLA ZORN e a encara.*) O que foi mesmo que você disse ser o assunto de sua tese de doutoramento?

ULLA ZORN

O senhor nunca me perguntou.

BENGT HJALMARSSON

Estou perguntando agora.

ULLA ZORN

“Mulheres na vida de alguns químicos do século XVIII”.

BENGT HJALMARSSON

Espero que a senhorita não se importe com um comentário.

ULLA ZORN

Não tive como evitá-los antes. Um a mais não vai me atingir.

BENGT HJALMARSSON

Então, Astrid achou que seria necessário introduzi-la disfarçadamente na Comissão. A senhorita não se sente usada?

ULLA ZORN

Com o senhor eu me sentiria. Mas não com a professora Rosenqvist.

BENGT HJALMARSSON

"Professora Rosenqvist!" Por que a senhorita não a chama de Astrid?

ULLA ZORN

Geralmente eu o faço.

BENGT HJALMARSSON

E por que não agora?

ULLA ZORN

Uma questão de respeito. Não gostei do modo como o senhor a interrogou a meu respeito.

BENGT HJALMARSSON

Eu estava irritado. Estou irritado. Surpresas não me agradam.

ULLA ZORN

O senhor deixou bem clara a sua opinião sobre a História e os historiadores.

BENGT HJALMARSSON

Como poderíamos adivinhar que havia uma historiadora entre nós?

ULLA ZORN

Os senhores não teriam agido de modo diferente.

BENGT HJALMARSSON

(Rindo.) Provavelmente não.

ULLA ZORN

(Com ar distraído.) Na verdade, sinto que agora alguma coisa mudou.

BENGT HJALMARSSON

É mesmo?

ULLA ZORN

Agora os senhores pensam que são todos especialistas em **meu** campo de trabalho. Quando observo a todos os senhores... digladiando-se mutuamente... importando-se com quem publicou... com quem não publicou... Não era essa a idéia que eu tinha da Ciência e dos cientistas.

BENGT HJALMARSSON

A senhorita achava que nós ficávamos classificando besouros numa vitrine de um museu?

ULLA ZORN

Eu pensava que o coração da Ciência era a verdadeira

curiosidade, o desejo de conhecer. Vejo essa postura em Scheele... talvez também em Priestley. Mas começo a ter dúvidas com relação a Lavoisier.

BENGT HJALMARSSON

Então Lavoisier é meticuloso demais para o seu gosto. O interesse dele por medidas exatas é diferente de seu interesse por datas exatas e por documentos?

ULLA ZORN

Estou também falando de cada um dos senhores...

BENGT HJALMARSSON

A senhorita está confundindo Ciência com cientistas.

ULLA ZORN

Estou?

BENGT HJALMARSSON

A Ciência é um sistema... uma busca conduzida e norteada pela curiosidade... baseada sempre naquilo que é real... Esse sistema funciona...

ULLA ZORN

E não importa o que motiva os cientistas nessa busca?

BENGT HJALMARSSON

Os cientistas podem estar atrás da prioridade... de poder... de dinheiro... Enquanto eles publicarem suas pesquisas, Ulla, haverá quem ponha à prova suas descobertas.

ULLA ZORN

E com que frequência isso acontece?

BENGT HJALMARSSON

Quanto mais interessante a descoberta, maior o rigor com que será testada...

ULLA ZORN

Para mostrar que os outros estão errados? Que nobre motivação!

(ASTRID junta-se a eles e senta-se perto de BENGT.)

BENGT HJALMARSSON

Mas é o que ainda nos mantém honestos... na maior parte do tempo. Não importa se são anjos ou demônios que descobrem como o mundo funciona. Tampouco importa se eles reconhecem ou não a contribuição dos outros...